

MERGE

MANEJO DE ECOSISTEMAS E RECURSOS
COM ÊNFASE EM GÊNERO

Estudo de Caso No. 5
Abril/2003

**Fortalecendo a Participação de Mulheres
nos Planos de Desenvolvimento
de Reservas Extrativistas
e Saúde da Mulher de Rondônia, Brasil.**

*Daniela J. de Paula,
Ronaldo Weigand Jr.
e Valéria Rodrigues*

Publicação:



**UNIVERSITY OF
FLORIDA**

Apoio:

**THE WILLIAM AND FLORA HEWLETT
FOUNDATION**



MACARTHUR
The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation

GÊNERO, PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E MANEJO DE RECURSOS NATURAIS

Série Estudos de Caso

Publicação

Merge (Manejo de Ecossistemas e Recursos com Ênfase em Gênero),
Tropical Conservation and Development Program
Center for Latin American Studies
University of Florida
P.O. Box 115531
Gainesville, FL 32611
E-mail: tcd@tcd.ufl.edu

Apoio Financeiro

Fundação William e Flora Hewlett
WIDTECH
Universidade da Flórida

Editora da Série

Marianne Schmink (Universidade da Flórida)

Conselho Editorial

Constance Campbell (The Nature Conservancy)
Avecita Chicchón (MacArthur Foundation)
Maria Cristina Espinosa (Universidade da Flórida)
Denise Garrafiel (Secretaria do Produção, Estado do Acre, Brazil)
Susan V. Poats (GRR - Equador)
Mary Rojas (WIDTECH)

Assistentes Editoriais

Elena Bastidas
Christine Archer
Amanda Wolfe

Instituições Colaboradoras

Universidade da Flórida
Pesacre - Grupo de Pesquisa e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre
WIDTECH - A Women in Development Technical Assistance Project
USAID/Brasil - Agência Americana para o Desenvolvimento Internacional
Fundação John D. e Catherine T. MacArthur

A Série de Estudos de Caso do Merge sobre Gênero, Participação Comunitária e Manejo de Recursos Naturais, apoiada por doações da Fundação John D. e Catherine T. MacArthur, e do Widtech, foi planejada para mostrar como um foco em gênero tem sido relevante e útil em projetos de manejo dos recursos naturais. Os casos enfocam exemplos concretos de extensão, pesquisa aplicada, e atividades de planejamento participativo envolvendo comunidades rurais, especialmente aquelas dentro e no entorno de áreas protegidas na América Latina com as quais o programa Merge tem colaborado. O formato serve para aplicações práticas assim como para o treinamento em gênero e manejo dos recursos naturais. Os casos são publicados em três idiomas (inglês, português e espanhol), e estão disponíveis na Internet (<http://www.tcd.ufl.edu>).

A seguir, são apresentados os primeiros Estudos de Caso da Série:

1. **Modelo Conceitual sobre Gênero e Conservação com Base Comunitária**, por Marianne Schmink, 1999.
2. **Gênero, Conservação e Participação Comunitária: o Caso do Parque do Jaú**, Brasil, por Regina Oliveira e Suely Anderson, 1999.
3. **Trabalhando com Conservação com Base Comunitária e Enfoque de Gênero: Um Guia**, por Mary Hill Rojas, 2000.
4. **Fazendo Visível O Invisível. Os Processos de Institucionalização de Gênero da Fundação Arcoiris, EcoCiência e do Instituto Quichua de Biotecnologia**, Equador, por Paulina Arroyo M. e Susan V. Poats com Bolívar Tello, Rosa Vacacela e Rocío Alarcón, 2002.
5. **Fortalecendo a Participação de Mulheres nos Planos de Desenvolvimento de Reservas Extrativistas e Saúde da Mulher de Rondônia, Brasil**, por Daniela J. de Paula, Ronaldo Weigand Jr. e Valéria Rodrigues, 2003

**Série Estudos de Caso Sobre Gênero, Participação Comunitária
e Manejo de Recursos Naturais, No. 5, 2003.**

**Fortalecendo a Participação de Mulheres
nos Planos de Desenvolvimento
de Reservas Extrativistas e Saúde da Mulher
de Rondônia, Brasil**

Por

*Daniela J. de Paula,
Ronaldo Weigand Jr.
e
Valéria Rodrigues*

Abril / 2003

Parte I: Fortalecendo a Participação de Mulheres nos Planos de Desenvolvimento de Reservas Extrativistas de Rondônia, Brasil.

Por

Daniela J. de Paula e Ronaldo Weigand Jr.

Resumo

Este trabalho descreve as estratégias adotadas pela equipe do Projeto de Cooperação Técnica do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD ao Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia - PLANAFLORO na promoção do empoderamento de mulheres durante a elaboração e implementação participativas dos planos de desenvolvimento de duas reservas extrativistas em Rondônia, Brasil. As estratégias utilizadas incluíram a formação de uma equipe mista de facilitadores, entrevistas domiciliares separadas com homens e mulheres, entrevistas separadas com grupos exclusivos de mulheres e homens, e comparação dos resultados, planejamento especial para as mulheres, e formação e capacitação de grupos de mulheres. Os resultados são bastante animadores, com grande aumento da participação feminina nas reservas e obtenção de benefícios para as mulheres e para as famílias.

Antecedentes e Contexto

As reservas extrativistas (resex) são definidas como áreas para o desenvolvimento sustentável de populações tradicionais que baseiam seu sustento na extração de produtos (frutos, seivas, óleos, animais, fibras, etc.) do ambiente natural (terrestre ou aquático). São áreas públicas, dadas em concessão de uso a associações que representem os moradores. As resex foram uma resposta ao processo de expropriação das terras da Amazônia ocupadas pelos extrativistas, e à necessidade de um modelo

de conservação da floresta tropical que incluísse as populações locais no Brasil (Allegretti 1989 e 1994; ver também argumentos contra as resex em Browder 1992, e Homma 1989 e 1992). Hoje, as reservas extrativistas (e assentamentos extrativistas, que são formas equivalentes de proteção dos recursos naturais e concessão de uso) correspondem a mais de 5,8 milhões de hectares na Amazônia Brasileira, uma área maior que a Costa Rica (Tabela 1.) No Estado de Rondônia, correspondem a um total de 1,2 milhão de hectares.

As resex foram uma resposta ao processo de expropriação das terras da Amazônia ocupadas pelos extrativistas, e à necessidade de um modelo de conservação da floresta tropical que incluísse as populações locais no Brasil.

Rondônia possui duas reservas extrativistas federais, criadas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), e 21 estaduais, criadas a partir da implementação do Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia - PLANAFLORO. Em 1996, o Projeto de Cooperação Técnica do

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) do PLANAFLORO, iniciou um trabalho de adaptação e aplicação de metodologias participativas para a geração e implementação de instrumentos de gestão para as reservas, conhecidos como "planos de desenvolvimento" (Weigand Jr. e Paula 1998). Um processo participativo envolvendo órgãos do Governo Estadual e a Organização dos Seringueiros de Rondônia criou uma proposta de planos de desenvolvimento diferenciada em relação à proposta do Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais - CNPT/ IBAMA, do Governo Federal. Enquanto a proposta do CNPT/IBAMA é mais orientada à ordenação das atividades nas resex, nas resex estaduais de Rondônia os planos de desenvolvimento refletem os objetivos e as estratégias de desenvolvimento escolhidos pelas comunidades, e incluem projetos de

melhoria comunitária utilizando de forma mais eficiente os recursos localmente disponíveis. Os primeiros planos de desenvolvimento de reservas extrativistas no Brasil foram criados

para as reservas estaduais Aquariquara, do Rio Cautário e do Rio Pacaás Novos, todas em Rondônia (Figura 1).



Figura 1: Mapa mostrando a localização das reservas extrativistas em Rondônia (a Resex Aquariquara é a maior reserva do PA Machadinho, canto superior direito do mapa).

Fonte: Rondônia (1998a).

O Problema

Criar reservas extrativistas não se resume à sua delimitação e à legalização de suas terras. Os desafios para o desenvolvimento das resexs incluem a decadência dos produtos tradicionais, a falta de escolas e serviços de saúde, e o desrespeito aos seus limites por parte de invasores, que depredam recursos e ocupam terras. Como resultado, muitas famílias estão deixando as reservas. Em Rondônia, tendo como base a área típica

de 500 hectares por família, a área criada em resexs deveria abrigar pelo menos 2.400 famílias. Faltam dados atualizados sobre a ocupação das resexs. Entretanto, com base na ocupação das resexs em que atuamos, e considerando que são as resexs com mais apoio, podemos estimar que menos da metade deste número deve estar de fato nas resexs. O processo participativo foi empregado para consolidar as reservas extrativistas do Estado de Rondônia, primeiro, adaptando uma metodologia em reservas-piloto, e depois, disseminando essa

experiência para outras reservas. Nas reservas-piloto, o próprio modelo de reservas extrativistas federais proposto pelo IBAMA foi revisto e adaptado ao contexto das reservas estaduais. Os métodos participativos foram empregados para a geração de Planos de Desenvolvimento, fortalecendo as comunidades extrativistas para que consolidassem as reservas em que estão localizadas.

Métodos para a Elaboração dos Planos de Desenvolvimento.

Com a tarefa de auxiliar as comunidades a elaborarem seus planos de desenvolvimento, tínhamos como objetivos que 1) os planos de desenvolvimento não estivessem só no papel, mas refletissem as aspirações, reflexões e ações coletivas das comunidades; 2) os planos realmente tivessem um efeito significativo na qualidade de vida das comunidades; 3) os planos capacitassem as comunidades para ações coletivas mesmo sem o auxílio externo; 4) nosso trabalho criasse diretrizes para a elaboração de planos de desenvolvimento em outras resexes de Rondônia. Não é um objetivo deste artigo discutir os resultados dos planos de desenvolvimento. Consideramos que os objetivos acima colocados se concretizaram em diferentes graus e descrevemos os resultados das Resexs Aquariquara e Rio Cautário em outra publicação (Weigand Jr. e Paula 1998).

Entretanto, vale a pena contextualizar o leitor em relação à metodologia utilizada. A elaboração e implementação dos planos de desenvolvimento tiveram como base metodológica o Diagnóstico Rural Participativo - DRP (Participatory Rural Appraisal - PRA), seguindo e adaptando às condições locais as recomendações de manuais de DRP, tais como NES et al. (1991), Odour-Noah et al. (1992), WRI e Grupo de Estudios Ambientales (1993), e artigos como os de Rocheleau (1994). O processo de adaptação do DRP a Rondônia e à tarefa de elaborar planos de desenvolvimento de reservas extrativistas

começou com duas oficinas para capacitar profissionais locais, trocar experiências e avaliar o método (Rondônia 1996a; Rondônia 1996b).

Através dos planos de desenvolvimento, as comunidades organizaram-se para implementar objetivos e estratégias por elas definidos. Eles envolveram três fases: 1) diagnóstico, 2) planejamento, e 3) implementação. Neste artigo, descrevemos as três fases para as Reservas Aquariquara e do Rio Cautário. Na Resex do Rio Pacaás Novos, devido às dificuldades de renovar o apoio, o processo teve que ser interrompido logo após o planejamento. Assim não descrevemos o que foi feito nesta reserva pois não temos dados quanto aos resultados.

O processo participativo foi empregado para consolidar as reservas extrativistas do Estado de Rondônia, primeiro, adaptando uma metodologia em reservas-piloto, e depois, disseminando essa experiência para outras reservas.

Nos últimos anos, tem havido uma crescente crítica ao DRP quanto à sua capacidade de empoderar as mulheres no processo de desenvolvimento (ver, por exemplo, Slocum et al. 1995). Entretanto, como será demonstrado neste trabalho, consideramos que o DRP não é incompatível com o empoderamento de mulheres, mas que são necessários cuidados particulares, discutidos adiante, para que funcione nesse sentido.

Situação das Mulheres nas Reservas Extrativistas e a Origem do Trabalho de Fortalecimento.

Já nos diagnósticos dos planos de desenvolvimento, as desigualdades entre homens e mulheres foram percebidas, sendo que as mulheres estavam em desvantagem. As atividades realizadas por elas não eram consideradas "trabalho" e poucas mulheres participavam dos processos de decisão em suas comunidades. Mesmo quando trabalhavam nas atividades que geravam renda, as mulheres extrativistas normalmente não tinham controle sobre o dinheiro gerado (ver também os resultados de diagnósticos realizados a partir da aplicação questionários por líderes femininas nas resexes nos seguintes documentos: Rondônia 1997a e Rondônia 1997b). A divisão de tarefas não correspondia a uma equivalente distribuição

de benefícios. Isso já era esperado e era de antemão uma das preocupações da equipe facilitadora dos planos de desenvolvimento.

Essa realidade, já percebida por líderes extrativistas, motivou um pedido da Organização dos Seringueiros de Rondônia - OSR à Cooperação Técnica do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD ao Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia - PLANAFLORO, para que fosse feito um trabalho de fortalecimento das mulheres nas resexs. Assim, essa ação foi integrada ao trabalho anteriormente solicitado pela OSR ao PNUD/PLANAFLORO, para elaboração dos planos de desenvolvimento.

Incluindo as Mulheres nas Etapas do Plano de Desenvolvimento.

Em nossa experiência anterior com comunidades extrativistas, aprendemos que as comunidades colocam barreiras ao trabalho de facilitadores/entrevistadores do sexo masculino com as mulheres locais. Existe muita desconfiança em relação a pessoas de fora e leva tempo para que a confiança necessária seja estabelecida. Embora menos severas, as barreiras para o trabalho de facilitadoras com o sexo oposto também existem. Assim, para incluir a perspectiva de mulheres e homens na elaboração dos planos de desenvolvimento, a equipe de facilitadores foi mista, formada por homens e mulheres. Entretanto, ter uma equipe mista não resolve todos os problemas porque as mulheres de fora podem carregar tantos preconceitos contra as mulheres locais, tanto quanto os facilitadores masculinos. Mesmo assim, a presença de facilitadoras na equipe estabelece maiores possibilidades de aprendizado sobre as condições das mulheres locais.

Um outro aspecto que seria desejável seria uma equipe multidisciplinar. Nós não tivemos isso em nosso trabalho porque uma equipe assim exige a presença de muitos profissionais. Não bastaria que a equipe fosse

Já nos diagnósticos dos planos de desenvolvimento, as desigualdades entre homens e mulheres foram percebidas, sendo que as mulheres estavam em desvantagem. As atividades realizadas por elas não eram consideradas "trabalho" e poucas mulheres participavam dos processos de decisão em suas comunidades.

"bidisciplinar" (com um cientista biológico e um cientista social) porque muitas questões de saúde e educação estariam fora da especialidade de ambos profissionais. O ideal seria ter profissionais de ciências biológicas, agrárias, sociais (incluindo educação), e biomédicas. Isso encareceria muito o trabalho. Nossa equipe foi formada por profissionais de ciências agrárias com formação *interdisciplinar*. Para suprir áreas em que nossa formação foi percebida como mais limitada no primeiro plano de desenvolvimento (Resex Aquariquara), no diagnóstico da Resex do Rio Cautário, tivemos a participação de consultores voluntários, professores

universitários e assessores de organizações não-governamentais, os quais nos auxiliaram sem que o custo do projeto fosse elevado. Os consultores voluntários não foram a campo conosco, mas baseados em sua experiência com reservas extrativistas e áreas específicas do plano de desenvolvimento (saúde, educação, renda e proteção ambiental), identificavam questões, problemas e sugestões de solução a partir da leitura dos relatórios do diagnóstico participativo. Dessa forma, a inclusão dos vários pontos de vista e o acesso de homens e mulheres ao planejamento foram favorecidos.

1. Diagnóstico:

No diagnóstico, desde o início, foram feitas entrevistas separadas com homens e mulheres, e quando possível, com as crianças. De forma natural, foram respeitados os espaços definidos por gênero, segundo a tradição. Ao chegar a uma casa, depois de feitas as apresentações, era comum as mulheres irem para a cozinha, preparar café, ficando os homens da casa conversando com a equipe de facilitadores. As facilitadoras logo ofereciam ajuda na cozinha, e lá a conversa se desenrolava, muitas vezes com facilidade. A cozinha mostrou-se um espaço bastante confortável para as mulheres, e lá foram desenvolvidas a maior parte das entrevistas e outras atividades com elas. Os homens, durante as entrevistas, normalmente ficavam

na "sala" ou saíam para caminhar ao redor da casa com os facilitadores.

Nas reuniões gerais com as comunidades, todos foram convidados, mas a presença e a participação dos homens sempre foi maior. Avaliamos que isso ocorreu devido à tradição de maior envolvimento dos homens na organização comunitária, à falta de costume de participação das mulheres nas decisões, e às atividades domésticas das mulheres, como cuidar das crianças e preparar refeições, que dificultavam a sua participação.

Todo o trabalho dos planos de desenvolvimento nas resexs envolveu uma postura de aprendizado e reflexão constante por parte da equipe. No processo, a metodologia foi sendo adaptada e consolidada em resposta aos desafios específicos que surgiam. Assim, como percebemos que ter uma equipe mista e entrevistas separadas não seriam suficientes para fortalecer as mulheres (apesar de proverem bons dados sobre sua situação), a equipe adotou estratégias especiais para a inclusão e empoderamento das mulheres nas fases seguintes em Aquariquara, e desde o início na reserva do Rio Cautário.

Nos diagnósticos, no uso de algumas "ferramentas do DRP" (calendários sazonais e tabelas para análise de atividades), identificamos a divisão do trabalho e de papéis por gênero, o que foi importante para tornar visível o papel e a função de homens e mulheres dentro da comunidade e da família. Entretanto, aprendemos que alguns cuidados devem ser tomados nas entrevistas em grupo (ou mesmo domiciliares). Em grupos mistos, muitas mulheres ficaram inibidas em colocar as suas opiniões e em se contrapor às opiniões masculinas. Assim, passamos a usar as técnicas de pesquisa participativa que tem ênfase em gênero separadamente com homens e mulheres, para a obtenção de resultados mais confiáveis.

Todo o trabalho dos planos de desenvolvimento nas resexs envolveu uma postura de aprendizado e reflexão constante por parte da equipe. No processo, a metodologia foi sendo adaptada e consolidada em resposta aos desafios específicos que surgiam.

As mulheres locais pareciam sentir-se valorizadas pela atenção das facilitadoras e a busca por essa atenção foi um importante componente de motivação para a adoção de novos papéis femininos na comunidade.

Com as reuniões exclusivas com mulheres e as entrevistas domiciliares (em que as mulheres foram entrevistadas por mulheres, em seus espaços típicos na colocação), algumas entrevistadas relataram que o diagnóstico foi a primeira oportunidade de suas opiniões serem ouvidas em processos de organização comunitária. As mulheres participantes expressaram, muitas vezes com resignação, suas desvantagens em relação aos homens e suas necessidades específicas. As reuniões exclusivas com mulheres foram importantes para que esses problemas viessem à tona e pudessem ser alvo de planejamento mais tarde. O conteúdo dessas entrevistas não será descrito ou analisado aqui (isso foi feito nos planos de desenvolvimento das duas reservas), mas elas foram essenciais para a elaboração de um retrato mais completo da realidade nas reservas. Muitas vezes, as mulheres davam respostas que contradiziam as respostas dadas pelos homens às

mesmas perguntas, mesmo para fatos "objetivos", indicando que um dos dois (ou ambos) estaria faltando com a verdade sobre o assunto. A equipe tentou ser imparcial nesses casos, mas criou hipóteses sobre o que estaria realmente acontecendo na família e na comunidade, testando-as em entrevistas e reuniões subsequentes. Tudo isso gerou um diagnóstico muito mais completo do que se as atividades fossem feitas só com um dos gêneros ou somente em grupos mistos.

Entretanto, o diagnóstico nos planos de desenvolvimento não foi somente uma fase de conhecimento e aprendizado. Ele também foi importante para preparar o terreno para as fases seguintes como, por exemplo, através da identificação de lideranças entre as mulheres, que funcionariam como animadoras comunitárias mais tarde. Essa identificação foi feita com base no entusiasmo demonstrado pelas mulheres nos primeiros contatos e

reuniões. Ao invés de criar um papel formal de "animadora", buscou-se responder à sinergia gerada pela interação entre as mulheres locais e as facilitadoras, propiciando condições que nutrissem as lideranças (orientação, apoio, conversas sobre sonhos e expectativas).

As mulheres locais pareciam sentir-se valorizadas pela atenção das facilitadoras e a busca por essa atenção foi um importante componente de motivação para a adoção de novos papéis femininos na comunidade. A adição das pessoas de fora ao universo da comunidade trouxe sentimentos positivos e negativos, ora auto-estima, ora ciúmes, mas alterando (pelo menos temporariamente) os incentivos para a adoção de comportamentos pelas mulheres. Passou a haver um maior incentivo social para uma mudança do comportamento tradicional da mulher extrativista para um comportamento mais engajado, independente e participante.

Entretanto, uma das lições aprendidas é que não se deve forçar a participação, e que esta deveria ser conquistada pelas mulheres.

Aprendemos que é prejudicial ao trabalho e muitas vezes constrangedor para as mulheres a "obrigação de participar". Na reserva do Rio Cautário, por exemplo, fizemos um esforço especial para convidar as mulheres e organizar as reuniões de modo a permitir sua participação. Entretanto, como as mulheres não estavam muito acostumadas com reuniões, muitas tinham comportamento inadequado, com conversas paralelas e desatenção. Sua falta de experiência acabava justificando o preconceito masculino. Mesmo assim, isso não quer dizer que a participação feminina não deva ser estimulada ou favorecida. Com as reuniões exclusivamente femininas, tanto a falta de experiência feminina com participação quanto o preconceito contra a participação feminina nas reuniões mistas começaram a ser resolvidos nas reservas. Aos poucos, à medida em que o aprendizado foi se dando nos espaços criados especificamente para as mulheres, elas foram se integrando e conquistando lugar nos espaços "mistos", tradicionalmente dos homens.

2. Planejamento:

O planejamento seguiu diferentes estratégias em ocasiões diferentes nas duas reservas. A técnica básica envolveu entrevistas em grupo com os seguintes passos: 1) discussão do diagnóstico; 2) priorização de problemas; 3) divisão em grupos; 4) uso de uma lista de perguntas para gerar uma discussão de objetivos e estratégias de desenvolvimento; 5) uso de uma matriz de projeto para planejamento das ações para resolver os problemas prioritários. As mulheres participaram nas reuniões de planejamento, mas a presença e a participação masculina, como aconteceu nas

A descoberta da cozinha como espaço de participação foi surpreendente. Muitas vezes, quando se pensa em fortalecimento de mulheres, pensa-se em questionar os espaços e papéis convencionais impostos a elas, em enfrentar e derrotar a sentença de que "lugar de mulher é na cozinha".

reuniões do diagnóstico, foi maior. Como sempre, a participação das mulheres em grupos mistos, embora às vezes presentes, tendia a ser reduzida.

Por isso, em Aquariquara, poucas ações planejadas no primeiro planejamento refletiram as necessidades específicas das mulheres. Assim, na implantação, tornou-se necessário um trabalho direcionado ao seu fortalecimento. Após dois meses de implantação, as

mulheres de uma comunidade foram convidadas para uma reunião, em que elas identificaram seus problemas e planejaram atividades.

Essa reunião em Aquariquara foi a primeira que tivemos com as mulheres e aconteceu na cozinha de uma das moradoras. A descoberta da cozinha como espaço de participação foi surpreendente. Muitas vezes, quando se pensa em fortalecimento de mulheres, pensa-se em questionar os espaços e papéis convencionais impostos a elas, em enfrentar e derrotar a sentença de que "lugar de mulher é na cozinha". Porém, aprendemos com as mulheres de Aquariquara que a cozinha também pode ser lugar de reunião, participação e cumplicidade entre as mulheres. Por ser seu espaço exclusivo, a cozinha pode ser o ponto de partida da liberação da mulher seringueira, em que seu poder vai sendo preparado e temperado, como as refeições que lá são feitas, para ser servido no tempo apropriado nos espaços públicos. Essa experiência em Aquariquara é

descrita mais adiante, quando discutimos a implementação, mas influenciou profundamente a realização do trabalho na Resex do Rio Cautário.

Na elaboração do Plano do Rio Cautário, com base na experiência anterior, já no diagnóstico foi feita uma entrevista em grupo com as mulheres para o levantamento das expectativas, problemas específicos e aptidões. Uma segunda reunião foi realizada para planejamento específico das mulheres, para identificação de suas prioridades, objetivos e estratégias, e para elaboração de um projeto simples. O mesmo foi feito na revisão do Plano de Aquariquara, onde também foi feito um planejamento participativo específico para a melhoria da situação feminina. A entrevista em grupo (só de mulheres), com o apoio de um roteiro de perguntas, foi utilizada para a priorização de problemas e elaboração de um projeto.

3. Implementação:

Na implementação, uma estratégia utilizada foi a organização de grupos de mulheres para a realização de um objetivo específico. Os grupos foram sugeridos pela equipe e funcionaram efetivamente como um espaço educativo de exercício de decisão, de desinibição e de auto-gestão. O "grupo de mulheres" é uma unidade de organização da comunidade, não é desvinculado do contexto comunitário, e aos poucos se insere nos espaços de decisão.

Nas reuniões desses grupos, além da troca de idéias ou dos treinamentos específicos (em gênero e organização comunitária, e em produção de farinha de babaçu na Resex Aquariquara; e em saúde – veja a Parte 2 deste estudo de caso na Resex do Rio Cautário), foram realizadas atividades práticas e manuais, como o crochê, a pintura em tecido e a manufatura de sabão, todas sugeridas pelas próprias mulheres e ensinadas por mulheres da própria comunidade. Os materiais para as aulas foram providos pela equipe facilitadora, mas as mulheres continuaram a realizar as atividades por conta própria usando material próprio. Essas atividades práticas foram um aspecto inovador, em nosso trabalho, das reuniões com as mulheres. Em geral, as reuniões com os homens tendiam a ser mais de discussão e o máximo que as pessoas levavam para casa era cansaço, um plano de

trabalho, e muitas vezes também entusiasmo para implementá-lo. Ao fazer crochê, sabão ou pinturas, as mulheres voltavam para casa com uma habilidade nova, o que dava resultados concretos aos encontros, justificando o tempo gasto discutindo e praticando a participação feminina. Essas atividades também serviram para relaxar e aumentar a identificação das participantes com o grupo. Embora pareçam reforçar o papel tradicional das mulheres, essas atividades, por serem tipicamente femininas, davam um terreno seguro por onde começar o empoderamento das mulheres. Nos grupos, valorizou-se a troca de experiências, os recursos locais e o conhecimento popular como fontes de melhoria de vida para as mulheres e para toda a família extrativista.

4. Implementação na Resex Aquariquara:

Em Aquariquara, o trabalho iniciou-se em uma das comunidades através do grupo de mulheres para pintura em tecido. A outra comunidade, com o conhecimento do trabalho realizado, também se interessou na formação de um grupo, e foi feito um encontro no qual praticaram a preparação de doces e compotas, orientadas por uma líder feminina do movimento seringueiro local. Entretanto, atividades de lazer, como a pintura, ou puramente domésticas, como a preparação de doces, foram insuficientes para satisfazer as mulheres por muito tempo. Foi necessário um objetivo mais ambicioso porque uma grave crise no mercado da borracha paralisou as vendas e fez com que a renda fosse a primeira preocupação de todos. Talvez por isso, a reação dos homens à participação das mulheres nos grupos foi muito positiva (houve também um trabalho, por parte da equipe, de valorização das atividades do grupo de mulheres junto aos homens). A urgência da situação provavelmente ajudava a flexibilizar os papéis tradicionais de gênero.

Como dito acima, depois de formado o primeiro grupo de mulheres em uma das comunidades de Aquariquara, as mulheres da outra comunidade passaram a se perguntar porque elas também não tinham um grupo. Dada essa demanda por organização, o próximo passo foi uma atividade de formação, com a realização de uma oficina sobre organização comunitária e relações de gênero. Os temas foram trabalhados através de dinâmicas, músicas e reflexões. Após essa

oficina, formou-se nessa segunda comunidade, espontaneamente, o "grupo de remédios caseiros". Ele funcionava de maneira autônoma (sem orientação da equipe), era formado somente por mulheres, reunia-se quinzenalmente, e uma das moradoras era a "monitora" do grupo. Algumas meninas da comunidade também participavam do grupo e nos surpreenderam com o quanto já tinham aprendido sobre ervas medicinais.

Mais tarde, na avaliação de seis meses do Plano de Desenvolvimento de Aquariquara, com a elaboração de novos projetos, foi feito um planejamento específico com as mulheres. Nesse planejamento, em que foi priorizado o aumento da renda, a estratégia sugerida e escolhida pelas mulheres foi a produção e comercialização de farinha de babaçu. Em uma oficina de formação, uma das mulheres ensinou às demais como manufaturar a farinha. A equipe de facilitadores assessorou na comercialização do produto. Inicialmente, como era um produto ainda pouco conhecido no município, as mulheres realizaram o "dia do babaçu", com a distribuição de pedaços de bolo e mingau (acompanhados de panfletos informativos preparados pela equipe) em um pequeno supermercado local. Em apenas uma hora e meia, a promoção feita pelas mulheres conseguiu vender 15 quilos de farinha. As mulheres também foram acompanhadas à emissora de rádio local, onde foram entrevistadas sobre suas atividades e divulgaram o produto. Mais tarde, a assessoria se intensificou, e os grupos de mulheres receberam apoio também na área de qualidade do produto. Embora não recebessem mais assessoria, os grupos continuavam comercializando e a expectativa era de que sua atividade se expandiria. Para algumas famílias, estimava-se que a farinha correspondia a um aumento de 10% na renda familiar, naquele período inicial, mas faltam dados sobre a situação atual. Além de ser

.....as mulheres realizaram o "dia do babaçu", com a distribuição de pedaços de bolo e mingau (acompanhados de panfletos informativos preparados pela equipe) em um pequeno supermercado local. Em apenas uma hora e meia, a promoção feita pelas mulheres conseguiu vender 15 quilos de farinha.

A participação das mulheres nesses treinamentos foi tão grande que a maioria das famílias tinham uma "monitora", o que desmotivou a criação de uma função especial de "monitoras de saúde".

uma fonte de renda exclusiva das mulheres, a farinha de babaçu também ajuda a diminuir as despesas com farinha de trigo, já que pode substituir 50% do trigo usado para preparar pratos como pães e bolos.

Entre os resultados do trabalho em Aquariquara, destaca-se o aumento da participação das mulheres nas decisões das comunidades da reserva. No decorrer do trabalho, o número de mulheres sócias da Associação aumentou muito. Em uma das comunidades, o número de

mulheres associadas aumentou de uma para seis, incluindo mais da metade das famílias. Além disso, algumas mulheres se candidataram para cargos comunitários, embora não tenham sido eleitas.

5. Implementação na Resex do Rio Cautário:

Na Resex do Rio Cautário, a partir da reunião de planejamento exclusivamente com mulheres, foi priorizada a melhoria da saúde e a estratégia utilizada foi a formação de "monitoras" de saúde da mulher (veja Parte 2 deste estudo de caso). Foram realizados três treinamentos, incluindo os temas: saúde da mulher e da criança, formas de diagnosticar doenças, verminoses, remédios caseiros e plantas medicinais. Atualmente, cada comunidade conta com uma

farmácia básica de plantas medicinais e com mulheres aptas a fazer o exame pré-natal. A participação das mulheres nesses treinamentos foi tão grande que a maioria das famílias tinham uma "monitora", o que desmotivou a criação de uma função especial de "monitoras de saúde". Não há dados sobre os impactos das monitoras na saúde dos moradores do Rio Cautário. Entretanto, a equipe de elaboração do "Plano Estadual de Saúde para a População Extrativista de Rondônia" pôde notar o maior conhecimento das mulheres do Rio Cautário sobre saúde, em relação às mulheres de outras reservas do

Estado (enfermeira Marta Duarte, comunicação pessoal).

A Reação Masculina.

Ao fortalecer as mulheres, era de se esperar uma reação dos homens. Segundo Townsend et al. (1999), homens em diferentes sociedades vêem ganhos em poder pelas mulheres como ameaças ao seu próprio poder. Segundo as autoras, o poder é um jogo em que a soma é zero ("zero-sum game"), não há como as mulheres ganharem sem que os homens percam. Talvez idealisticamente, nossa equipe trabalhou com uma premissa diferente, de que ambos podem ganhar. Assim, apesar de estimularmos a formação de grupos de mulheres, o trabalho foi feito de forma integrada, procurando incluí-las sem isolá-las e sem reforçar a discriminação. Apesar de as comunidades extrativistas muitas vezes resistirem ao trabalho misto, no decorrer do trabalho as posições ficaram mais flexíveis, melhorando o trabalho com homens e mulheres no mesmo grupo.

Uma forma de evitar o desenvolvimento de uma resistência masculina ao trabalho com as mulheres foi envolver os homens na promoção dos interesses das mulheres. Ao invés das diferenças, enfatizamos os interesses comuns, sendo que os benefícios do aumento de participação das mulheres para toda a família foram realçados nas reuniões e atividades com os homens. Exceto em casos isolados, os homens pareciam bem contentes com o trabalho que era feito com as mulheres.

Na Resex Aquariquara, eles expressaram isso em uma reunião exclusiva com eles, dizendo que "agora a mulher tá mais feliz, mais animada". De fato, não podemos esperar que a dominação masculina sobre as mulheres deixe de produzir resistência por parte delas. As mulheres resistem à dominação, e em muitos casos é provável que usem as táticas de resistência como a redução de seu trabalho e outras descritas por Scott (1989). À medida em que a mulher ganha poder, parte dessa resistência pode ser menos necessária e assim a mulher pode ficar

"mais animada", resultando em maior benefício para todos, incluindo o homem.

No Rio Cautário, o mesmo apoio ao fortalecimento das mulheres foi demonstrado pelos homens que, por exemplo, tomaram conta da casa e das crianças durante quatro ou cinco dias em que as mulheres estavam participando de um treinamento sobre saúde. Tomando cuidado para tornar visíveis os benefícios do empoderamento das mulheres a toda a família, os ajustes que precisaram ser feitos entre mulheres e homens deram-se de forma mais fácil.

Relevância de Gênero

Gênero é um conceito que se refere aos papéis e às relações entre mulheres e homens, os quais não são determinados pelas características sexuais mas pela história, ideologia, religião e desenvolvimento econômico de uma cultura. Adotar uma perspectiva de gênero é "distinguir entre o que é natural e biológico, o que é social e culturalmente construído, e no processo, renegociar as fronteiras entre o natural e, por isso relativamente inflexível, e o social relativamente transformável" (Kabeer, 1990 citado por INSTRAW-UN

Exceto em casos isolados, os homens pareciam bem contentes com o trabalho que era feito com as mulheres.

Na Resex Aquariquara, eles expressaram isso em uma reunião exclusiva com eles, dizendo que "agora a mulher tá mais feliz, mais animada".

1995).

Neste artigo, não discutimos as origens das desvantagens femininas nas reservas extrativistas, mas centramos atenção no impacto de estratégias específicas, com base em gênero, no seu fortalecimento. Tínhamos a premissa geral de que as desigualdades se devem principalmente à história da produção extrativista com os tradicionais produtos de valor econômico para comercialização (borracha e castanha) dominados pelos homens a partir da sua relação com um patrão. Entretanto, essas relações desiguais também refletem a situação das mulheres em geral na sociedade brasileira no passado e no presente. Nossa premissa deveria ter resultado na proposição de alternativas de renda para as mulheres das três reservas, o que não foi feito, pois preferimos manter a prioridade da participação comunitária sobre nossas premissas teóricas da causa dos problemas locais. Preferimos trabalhar a

participação feminina e deixar surgir dos grupos de mulheres a identificação de seus problemas e causas, e a proposição das estratégias para seu empoderamento. Isso resultou em diferentes estratégias, como o aumento da renda das mulheres na Resex Aquariquara e a melhoria da saúde na Resex do Rio Cautário.

Um trabalho participativo é essencial para um trabalho de fortalecimento das mulheres. Ao mesmo tempo, uma perspectiva de gênero é vital para que a participação comunitária resulte no empoderamento feminino. Muitas são as justificativas para a inclusão da perspectiva de gênero em projetos participativos, destacando-se:

- as desigualdades entre homens e mulheres são grandes, sendo discriminatórias contra as mulheres, e a superação das desigualdades é condição indispensável para o desenvolvimento,
- programas/projetos participativos que não adotam uma perspectiva de gênero tendem a beneficiar metade dos pessoas, geralmente os homens, e não atingem de forma eficiente os seus objetivos,
- a inclusão dessa perspectiva de gênero favorece o melhor aproveitamento dos recursos (humanos e materiais) disponíveis, e a não inclusão leva ao fracasso de várias iniciativas,
- a inclusão também favorece distribuição das melhorias de forma equitativa, contribuindo para o desenvolvimento sustentável.

A perspectiva de gênero valoriza o papel das mulheres como promotoras do desenvolvimento. Melhorando a situação das mulheres, melhora-se a vida de toda a família porque elas tem menor tendência de desviar os recursos de atividades econômicas para uso pessoal (Rojas 2000). Por outro lado, como afirma Suárez e Libardoni (1997), a ênfase dada ao lado feminino de gênero é em decorrência das desigualdades, mas somente a soma de esforços de mulheres e homens poderá alcançar os objetivos desejáveis para a coletividade.

O que se busca ao incorporar a perspectiva de gênero nos programas/projetos é estimular o potencial produtivo de mulheres e homens, como promotores de desenvolvimento, com poder de decisão de modo que possam contribuir para o fortalecimento e o bem-estar das comunidades e das famílias.

Uma outra vantagem de investir recursos no fortalecimento das mulheres em um contexto de desenvolvimento é a possibilidade de maior retorno do investimento. Nas resexs de Rondônia, as mulheres responderam mais rápido e melhor ao trabalho de mobilização para o desenvolvimento do que os homens. Além disso, elas tiveram maior compromisso com as metas estabelecidas e estavam mais dispostas a inovar na busca de alternativas para a melhoria da renda familiar do que os homens. Enquanto os homens tiveram um comportamento mais desconfiado, de aversão ao risco, provavelmente em consequência de sua experiência anterior com projetos que falharam e também de seu papel como "provedor", as mulheres tinham menos a perder em seus projetos¹ e tinham menos expectativas de que o trabalho fosse paternalista.

Além disso, os projetos das mulheres puderam ser mais simples que os da comunidade em geral porque não tinham que responder a questões amplas como educação, saúde, proteção e renda, muitas vezes todas ao mesmo tempo. Seu planejamento era um exercício de capacitação, enquanto que o planejamento dos homens não era só deles (era da comunidade) e tinha a carga de responder às demandas de todos. Por isso, o trabalho das mulheres, mais concentrado sobre poucos objetivos de execução mais simples que os da comunidade em geral, teve maior sucesso, destacando-se na implantação dos planos de desenvolvimento em Rondônia.

Implicações Para a Prática

Trabalhar com uma perspectiva de gênero não é a mesma coisa que favorecer o empoderamento das mulheres. A inclusão de uma perspectiva de gênero pode, inclusive, ser usada para desfavorecer as mulheres e perpetuar a sua submissão. Ao saber-se dos impecilhos das mulheres para participar em reuniões, por exemplo, pode-se tentar resolvê-los ou fortalecê-los. Entretanto, considerar as diferenças de gênero é fundamental para abrir oportunidades de participação para as mulheres.

Porém, não devemos pressupor que apenas por abirmos oportunidades para a participação feminina nos projetos esta vai ocorrer. São muitas as barreiras para uma participação efetiva das mulheres nas

reservas extrativistas, desde aspectos culturais até a falta de prática ou capacitação nos processos de organização. No nosso trabalho, muitos empecilhos à participação feminina foram removidos, ou reduzidos, pelas estratégias adotadas pela equipe. Anteriormente, nas reservas descritas neste artigo, a forma como a participação comunitária era organizada limitava muito a participação feminina: as reuniões eram marcadas sempre no mesmo local (dificultando ou impossibilitando a participação das mulheres que moravam mais longe), as mulheres tinham a obrigação de cozinhar para a reunião, não havia um arranjo para cuidar das crianças, e as mulheres não eram mesmo especificamente convidadas (ao contrário dos homens). A falta de um rodízio dos locais de reunião fazia com que as mulheres próximas ao local pudessem participar mais (quando não estavam na cozinha preparando a comida dos participantes), enquanto que as moradoras mais distantes não participavam porque tinham que cuidar das suas responsabilidades domésticas. Além disso, havia um preconceito local contra a participação feminina nas reuniões mistas.

Essas limitações foram pouco a pouco identificadas. Tomamos o cuidado de alternar os locais de reunião para favorecer a participação de moradoras e moradores mais distantes. Planejamos a preparação das refeições das reuniões com antecedência, para que as mulheres não ficassem confinadas à cozinha. Em alguns casos, como assembleias, uma cozinheira local foi contratada para permitir a participação das outras mulheres. Arranjos para cuidar das crianças foram mais difíceis, mas as próprias mulheres muitas vezes se revezavam, e todos os participantes tiveram paciência com o choro de bebês durante as reuniões.

Assim, destacamos as seguintes implicações (algumas novas, outras já conhecidas) de nossa experiência para o manejo participativo de recursos naturais com uma perspectiva de gênero e fortalecimento de mulheres:

- 1) Não devemos pressupor uma divisão de trabalho particular. Cada comunidade apresenta sua própria divisão de trabalho e variações existem em todas as comunidades.
- 2) Quando um projeto inclui a participação local sem estratégias para equilibrar a participação e a obtenção de benefícios

por homens e mulheres, a desigualdade tende a aumentar. Enquanto projetos *não-participativos* são um "tiro no escuro" que pode beneficiar homens ou mulheres, os projetos *participativos* sem estratégias especiais para equilibrar a participação masculina e feminina tendem a ser um "tiro certo", beneficiando somente os homens.

- 3) As mulheres extrativistas não estão tão preparadas para participar quanto os homens. A formação de grupos de mulheres e treinamentos em organização comunitária podem ajudar a diminuir essa desigualdade. A participação feminina deve ser envolvida gradualmente nos projetos, à medida em que as suas habilidades para participar junto com os homens vão se desenvolvendo.
- 4) Entretanto, experiência pode ser uma barreira ao trabalho. A resposta mais rápida das mulheres ao trabalho de fortalecimento pode ser resultado de terem sido menos expostas às práticas de projetos paternalistas do que os homens. Por terem sido alvo menos freqüente de projetos de desenvolvimento, as mulheres estão menos viciadas nas práticas paternalistas e mais dispostas a experimentar com projetos simples. Pouco acostumadas a receber as coisas facilmente, as mulheres tendem a confiar mais em si mesmas ao estabelecer metas e dividir tarefas, sendo por isso mais realistas. Na nossa experiência, isso também foi o caso com as comunidades (homens e mulheres juntos) que receberam menor atenção dos projetos anteriores, que geralmente responderam mais rápido e melhor que as comunidades com longa experiência de projetos.
- 5) A atividade em grupo dá às mulheres extrativistas um prazer especial, e a organização comunitária passa a ser menos um peso e mais um acontecimento social. Por outro lado, as mulheres extrativistas são bastante práticas e esperam resultados, mesmo que simples, de suas atividades. Assim, atividades simples, como crochê, foram importantes para manter o entusiasmo enquanto desafios maiores eram tentados, pela experiência de resultado imediato que proporcionavam.

- 6) Apesar da experiência das mulheres extrativistas ter sido positiva, houveram ocasiões de conflitos e ciúmes. Por exemplo, em uma das reservas houve um certo clima de antipatia entre mulheres evangélicas e católicas, mas que não impediu a sua participação conjunta no mesmo grupo. Conflitos desse tipo são normais em grupos pequenos. Também houve uma certa competição entre as mulheres pela atenção das facilitadoras, exigindo-lhes grande cuidado para não ferir sentimentos e manter um tratamento igualitário nos grupos, a despeito de simpatias pessoais. Nem sempre isso foi possível.
- 7) O tempo e a continuidade para um trabalho bem feito são muito importantes. Nossos melhores resultados foram com a

Reserva Aquariquara, a primeira a ter plano de desenvolvimento e trabalho de fortalecimento de mulheres, apesar de que lá tínhamos menos experiência com esse tipo de trabalho. Na Resex do Rio Pacaás Novos, nem podemos falar em resultados, pois o acompanhamento da Cooperação Técnica PNUD/PLANAFLORO terminou antes da implementação do plano de desenvolvimento, que ficou a cargo da associação local, que só tinha um assessor do sexo masculino. Assim, não basta ter diagnóstico e planejamento participativos porque é na implementação que vemos os resultados, e são resultados o que dá significado à participação.

Tabela 1: Reservas Extrativistas e Assentamentos Extrativistas no Brasil.

Estado	Categoria	Nome	Área (ha)
Acre	Reservas Extrativistas Federais	Alto Juruá	506.186
		Chico Mendes	970.570
		Nova Esperança	2.576
	Assentamentos Extrativistas	Porto Dias	22.145
		Riozinho	35.896
		Cachoeira	24.973
		Sta. Quitéria	44.000
Amapá	Reservas Extrativistas Federais	S. Luiz do Remanso	39.572
		Rio Cajari	481.650
	Assentamentos Extrativistas	Maracá I	75.000
		Maracá II	22.500
		Maracá III	226.000
Amazonas	Reservas Extrativistas Federais	Rio Jutai	250.000
		Médio Juruá	253.226
		Carauari	450.000
	Assentamento Extrativista	Antimari	260.227
		Terruaã	139.235
Maranhão	Reservas Extrativistas Federais	Ciriaco	7.050
		Mata Grande	10.450
		Quilombo do Frexal	9.542
Mato Grosso	Reserva Extrativista Estadual	Guaribas / Roosevelt	57.600
Pará	Reserva Extrativista Federal	Tapajós-Arapiuns	640.000
Rondônia	Reserva Extrativista Federais	Rio Ouro Preto	204.583
		Lago do Cuniã	70.000
	Reservas Extrativistas Estaduais	Roxinho	882
		Seringueiras	537
		Garrote	802
		Mogno	2.450
		Piquiá	1.448
		Angelim-Jequitibá	8.923
		Itaúba	1.758
		Ipê	815
		Jatobá	1.135
		Massaranduba	5.566
		Maracatiara	9.503
		Sucupira	3.188
		Castanheira	10.200
		Aquariquara	18.100
		Freijó	600
		Rio Preto Jacundá	115.278
		Rio Jaci-Paraná	191.324
		Cautário	144.371
Currinho	1.757		
Pedras Negras	124.124		
Rio Pacaás Novos	342.903		
Tocantins	Federal Extractive Reserve	Extremo Norte do Tocantins	9.280
		BRAZIL TOTAL	5.797.925

Fonte: CNPT/IBAMA, PNUD/PLANAFLORO., PNUD/PRODEAGRO, Menezes (1994).

Parte II: Enfoque de Gênero e Saúde da Mulher na Reserva Extrativista do Rio Cautário, Rondônia, Brazil.

Valéria Rodrigues

*Tradução por
Christine Archer*

Introdução

Desde o início do sistema de reservas extrativistas, muitos projetos tem sido implementados. A maioria desse projetos aborda temas relacionados com a conservação de floresta, melhoramento de renda e sistemas agroflorestais. Além desses aspectos relacionados ao desenvolvimento local, a população que vive nas reservas necessita também de assistência médica e educação. O Sistema Brasileiro de Saúde é inadequado à pessoas que vivem em reservas extrativistas. Ajuda médica dificilmente alcança à essas pessoas pois o sistema é baseado em assistência hospitalar ou medicina curativa, e a maioria das reservas extrativistas estão muito longe das cidades. Adicionalmente, muitos problemas poderiam ser resolvidos através de um sistema de prevenção.

Recentemente, o governo estadual de Rondônia criou postos de saúde dentro destas reservas. No geral, agentes selecionados para trabalhar nestes postos de saúde são membros das próprias comunidades. Isto tem trazido algumas oportunidades para o sistema de saúde. Porém quando as comunidades selecionam esses agentes de saúde, geralmente escolhem apenas homens, pois há constrangimentos culturais e práticos que inibem as mulheres de deixarem a comunidade temporariamente para treinar em cidades próximas. O Sistema Brasileiro de Saúde, e mesmo algumas vezes as organizações de seringueiros, não levam em conta as relações de gênero dentro das reservas extrativistas, fato este que pode atrapalhar o trabalho dos agentes de saúde. Muitas vezes os agentes de saúde não conseguem trabalhar eficientemente porque a maioria das pessoas às quais assistem são mulheres e crianças. Mulheres não se

sentem confortáveis em conversar com agentes de saúde do sexo masculino, especialmente com relação a saúde reprodutiva. Ao menos que este problema seja resolvido, a permanência de famílias dentro das reservas continuará a ser instável. Portanto, a conservação de florestas depende de um sistema de saúde adequado, que leve em consideração as diferenças entre gêneros dentro da comunidade e que ajuste a assistência médica às condições das reservas extrativistas.

Poucas publicações sobre reservas extrativistas abordam este tema. O estudo sobre as relações de gêneros e o sistema de saúde é importante para o avanço dos projetos de conservação ambiental com base comunitária. Este capítulo pretende chamar a atenção para fatores como esses e também para refletir sobre um sistema de saúde mais adequado às reservas extrativistas.

Este estudo de caso é resultado de um curso desenvolvido para o treinamento de agentes de saúde do sexo feminino na Reserva Extrativista do Rio Cautário em Rondônia. O objetivo deste curso foi o de melhorar a situação das mulheres através de uma das prioridades mais importante para elas: saúde. Após reuniões de planejamento com as mulheres da comunidade do Rio Cautário, a equipe da Cooperação Técnica da UNDP/PLANAFLORO solicitou esse curso.

O curso ocorreu na propriedade de nome Canindé, localizada a dois dias de barco da cidade. O curso de três dias foi oferecido de 27 a 30 de julho de 1997, com a participação de treze mulheres da comunidade, das quais somente quatro tinham sido alfabetizadas. O curso foi desenvolvido com o intuito de envolver as mulheres na avaliação de problemas e na discussão de soluções adequadas à realidade da comunidade. A discussão deste capítulo se baseia nas seguintes fontes de informações:

- entrevistas com informantes chaves da comunidade, incluindo parteiras, professoras, agentes de saúde e vários outros líderes comunitários;
- entrevistas não estruturadas durante a viagem, aonde problemas de saúde da comunidade foram discutidos com as mulheres, um líder comunitário e uma parteira;
- entrevistas com participantes do curso; e
- observações diretas dos problemas de saúde durante um curto período de estada na comunidade.

Agentes de Saúde Comunitários

Havia três agentes de saúde comunitária na Reserva Extrativista do Rio Cautário. Agentes de saúde são proficientes na diagnose de malária e fornecem remédios para pessoas portadoras de malária. A Fundação Nacional de Saúde tinha contratado um agente, que havia sido treinado somente na prática de medicina curativa. O governo estadual de Rondônia tinha contratado recentemente um segundo agente de saúde, que ainda não estava trabalhando porque estava esperando a construção do centro de saúde. Ele foi treinado no hospital e sua especialidade concentrava-se em medicina curativa.

O terceiro agente de saúde trabalhava para o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Este programa foi criado para funcionar com medicina preventiva e saúde da mulher. Porém, esse sistema não funcionou bem na reserva. O problema foi que o agente aplicava o mesmo sistema de saúde usado na cidade à realidade da reserva extrativista. Outro problema era que o agente era analfabeto. Em suas visitas às residências, outro homem o acompanhava para tomar notas durante as entrevistas com as mulheres sobre problemas gerais de saúde e de saúde reprodutiva. Devido à inibição das mulheres em conversar sobre esses tipos de problemas com um homem, especialmente quando este estava acompanhado por outro homem da comunidade, as mulheres não expressavam

Devido à inibição das mulheres em conversar sobre esses tipos de problemas com um homem, especialmente quando este estava acompanhado por outro homem da comunidade, as mulheres não expressavam seus problemas de saúde e nem faziam perguntas ao agente.

seus problemas de saúde e nem faziam perguntas ao agente. O problema era pior porque esses agentes eram homens, e as mulheres não tinham opção para consultar uma agente de saúde do sexo feminino. Os agentes pensavam que as mulheres não queriam conversar sobre problemas de saúde ou mesmo que elas não tinham qualquer problema de saúde. Devido a esses fatores, o desempenho dos agentes de saúde na comunidade não foi satisfatório, e o programa de saúde comunitária não alcançou os objetivos de prevenção contra doenças e de melhoria da saúde da mulher.

Problemas de Saúde Encontrados na Reserva Extrativista do Rio Cautário

A percepção das pessoas sobre higiene e doença em reservas extrativistas refletem as diferentes condições encontradas nesse local. No primeiro dia do curso, as mulheres elaboraram seu conceito de saúde – uma combinação de conceitos como: ar puro, qualidade da assistência de saúde, alimentação, banho, sorriso, relaxamento, beleza, luz do sol, atenção, satisfação, um corpo limpo, reuniões de mulheres, prevenção contra doença, limpeza domiciliar, tranquilidade e felicidade. Começando por este conceito as mulheres identificaram os problemas de saúde em suas comunidades.

Parasitas Intestinais.

O primeiro problema de saúde identificado foi o de parasitas intestinais em crianças e adultos, um problema causado por água de rio contaminada. No geral, casas são construídas perto do rio e as mulheres utilizam a água do rio para cozinhar, beber, banhar e lavar roupas. O rio também é utilizado como meio de transporte. A maioria das famílias constroem latrinas, mas algumas famílias continuam usando o rio como privada, causando contaminação da água. Um

problema adicional foi que as pessoas não lavam suas mãos depois de usarem a latrina. Durante o curso, as mulheres discutiram vários meios de reduzir esses problemas. Uma das soluções encontradas para o problema da parasita foi fazer com que crianças usassem sandalhas. Outra solução foi a de ensinar as crianças a lavarem as mãos depois delas usarem a latrina e antes de comer. Essa solução foi considerada difícil de atingir pois geralmente as crianças brincam fora de casa e não é possível observá-las durante o tempo todo. Mesmo não resolvendo esse problema completamente, as soluções discutidas tendem a ajudar a diminuir a incidência de parasitas intestinais. Uma maneira melhor de lidar com esse problema seria tratar todos na comunidade, e ao mesmo tempo, tratar a água, construir latrinas em todas as residências, construir poços distantes das latrinas e do rio para acumular água potável, e continuar a educação de saúde junto com os agentes de saúde. A comunidade deve participar nesse processo, discutindo e procurando soluções para esse problema.

Tétano entre Crianças Recém-Nascidas.

A maioria das mulheres participantes do curso já tiveram uma ou duas crianças que morreram de tétano. Elas não sabiam o que tinha causado a morte dos bebês, mas sabiam que era algo que usaram no momento do parto. Esse tema causou muita discussão, pois todas fizeram algo diferente na hora do parto. Elas não sabiam o que estava causando tétano, doença que elas conheciam pelo nome tradicional de "mal de sete dias". Algumas mulheres tinham escutado o termo 'tétano' na maternidade, mas elas não sabiam o que significava. Outras mulheres pensavam que era alguma doença hereditária. Foi difícil explicar para elas, pois a maioria delas eram analfabetas. Instruções para preparar materiais para um nascimento sem risco de contração de tétano foram transmitidas durante o curso.

Depois da explicação de como crianças recém nascidas morrem de tétano, as mulheres começaram a discutir outro problema. Elas não sabiam que deviam tomar a vacina contra tétano durante a gravidez. Mulheres que moraram a vida toda em reservas extrativistas nunca haviam tomado

essa vacina, nem feito exames pré-natais. A conversa se prolongou para o tema de como resolver esse problema. As mulheres começaram a questionar porque barcos do governo entravam na reserva com pessoas interessadas em pescar, mas não para vacinar os moradores locais.

Esterilização Indesejada de Mulheres.

Esterilização indesejada de mulheres se tornou um problema grave nas reservas extrativistas porque quando mulheres iam dar a luz na maternidade da cidade mais perto, médicos perguntavam quantas crianças elas tinham, e vários médicos decidiam fazer cirurgia de esterilização sem a permissão das mulheres. Portanto, muitas mulheres das reservas extrativistas foram esterilizadas sem saber como. Para mulheres da reserva, ter muitos filhos não era visto como um problema. Elas acreditam que dar a luz é saudável e se elas não engravidam, pensam estar doentes. A maioria delas gostaria de engravidar novamente. No Brasil, muitos profissionais de saúde pensam que esterilização pode resolver o problema da pobreza. Certamente isso não é verdade, e acima de tudo é um desrespeito à mulher. Leis de saúde devem preparar programas adequados para atender mulheres de reservas extrativistas, respeitando suas crenças e cultura.

Conclusão

De um lado, problemas de saúde na Reserva Extrativista do Rio Cautário podem ser resolvidos com práticas de prevenção que são relativamente fáceis de implementar, porém isso depende do desempenho de instituições que trabalham no local. De um outro lado, projetos não governamentais de conservação de base comunitária precisam prestar mais atenção aos problemas de saúde. Uma melhoria na saúde poderá contribuir no melhoramento do meio de vida local, permitindo que essas pessoas permaneçam na área e por sua vez possam continuar a proteger a floresta. Se os membros das comunidades da reserva extrativista não possuem condições básicas de sobrevivência, irão querer se mudar para as cidades, o que poderá debilitar o processo de conservação de recursos naturais na área. Outro dilema que a migração às cidades traz

é que pessoas que vão morar nas favelas das cidades grandes encontram outros problemas, muitas vezes mais difíceis de resolver do que os problemas que encontram nos lugares aonde viviam anteriormente. Portanto, projetos de conservação de base comunitária devem também considerar as atribuições dos gêneros, a saúde e a educação. As mulheres

da Reserva Extrativista do Rio Cautário expressaram grande interesse em se organizar para melhorar a saúde de sua comunidade. Apoio material e orientação são essenciais para o sucesso dessas mulheres na resolução desse desafio.

Bibliografia

- Allegretti, Mary Helena
 1989 Reservas Extrativistas: Uma Proposta de Desenvolvimento da Floresta Amazônica. Pará Desenvolvimento (25).
 1994 Reservas Extrativistas: Parâmetros para uma Política de Desenvolvimento Sustentável na Amazônia. *In* O Destino da Floresta: Reservas Extrativistas e Desenvolvimento Sustentável na Amazônia. R. Arnt, ed. Pp. 17-47. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Browder, John O.
 1992 Social and Economic Constraints on the Development of Market-Oriented Extractive Reserves in the Amazon Rain Forests. *Advances in Economic Botany* 9:31-41.
- Homma, Alfredo Kingo Oyama
 1989 Reservas extrativistas: uma opção de desenvolvimento viável para a Amazônia? *Pará Desenvolvimento* 25(jan/dez):33-47.
 1992 The Dynamics of Extraction in Amazonia: A Historical Perspective. *Advances in Economic Botany* 9:23-31.
- INSTRAW-UN
 1995 Gender Concepts in Development Planning.
- Menezes, Mario Assis
 1994 As Reservas Extrativistas como Alternativa ao Desmatamento na Amazônia. *In* O Destino da Floresta: Reservas Extrativistas e Desenvolvimento Sustentável na
- Amazônia. R. Arnt, ed. Pp. 49-52. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- NES, et al.
 1991 Participatory Rural Appraisal Handbook: Conducting PRAs in Kenya. National Environment Secretariat, Egerton University, Clark University, World Resources Institute.
- Odour-Noah, Elizabeth, et al.
 1992 Implementing PRA: A Handbook to Facilitate Participatory Rural Appraisal. Worcester, MA: Clark University.
- Rocheleau, D. E.
 1994 Participatory Research and the Race to Save the Planet: Questions, Critique, and Lessons from the Field. *Agriculture and Human values* 11(293).
- Rojas, Mary Hill
 2000 Trabalhando com Conservação com Base Comunitária e Enfoque de Gênero: um guia. Gênero, Participação Comunitária e Manejo de Recursos Naturais (Estudo de Caso No. 3).
- Rondônia
 1996a Métodos de Planejamento Comunitário Participativo: apostila da oficina realizada dias 17 e 18 de setembro no auditório do Iteron/Elaboração: Ronaldo Weigand Jr. Porto Velho-RO, Brazil: Seplan/PLANAFLORO/PNUD.
- Rondônia
 1996b Relatório da Oficina "Plano de Desenvolvimento - Elaboração Participativa". Porto Velho-RO, Brazil: Seplan/PLANAFLORO/PNUD.
- Rondônia
 1997a Perfil das Mulheres Extrativistas da Reserva do Rio

- Cautário. Porto Velho-RO, Brazil:
Seplan/PLANAFLORO/PNUD.
- Rondônia
1997b Perfil das Mulheres
Extrativistas das Reservas do Rio
Ouro Preto e Aquariquara. Porto
Velho-RO, Brazil:
Seplan/PLANAFLORO/PNUD.
- Rondônia
1998a Kit Reservas Extrativistas de
Rondônia (CD-ROM). Porto Velho:
Seplan/PLANAFLORO/PNUD.
- Rondônia
1998b Plano de Desenvolvimento da
Reserva Extrativista do Rio Pacaás
Novos/ Facilitadores: Daniela J. de
Paula, Débora Almeida e Jorge
Wilson. Costa Marques:
Seplan/PLANAFLORO/PNUD.
- Rodrigues, Valéria
1997 Capacitação de Monitoras de
Saúde da Mulher (Módulo I) Relatório
do curso desenvolvido na Reserva
Extrativista do Rio Cautário.
Costa Marques, RO. Porto Velho.
- Scott, James C.
1989 *Everyday Forms of
Resistance. In Everyday forms of
Peasant Resistance.* F.D. Colburn, ed.
Pp. 3-33. New York/ London: M. E.
Sharpe.
- Slocum, Rachael, et al.
1995 *Power, Process and
Participation: Tools for Change.*
London: Intermediate Technology.
- Suárez, M., and M. Libardoni
1997 *Desenvolvimento Rural com
Perspectiva de Gênero: Guia para
Coleta de Informação ao Nível Local.*
Brasília.
- Townsend, Janet, et al.
1999 *Women and Power: Fighting
Patriarchies and Poverty.* London;
New York: Zed Books.
- Weigand Jr., Ronaldo, and Daniela Jorge de
Paula

1998 *Reservas Extrativistas: Dando
Poder às Comunidades através da
Elaboração e Implantação
Participativas dos Planos de
Desenvolvimento.* Porto Velho, Brazil:
Seplan/ PLANAFLORO/ UNDP/
BRA/94/007.

WRI, World Resources Institute, and A. C.
Grupo de Estudios Ambientales
1993 *El Proceso de Evaluación
Rural Participativa: Una propuesta
metodológica.* Washington: World
Resources Institute/ Mexico: Grupo de
Estudios Ambientales, A. C.

Notas

¹ Um exemplo disso é que, na Reserva Aquariquara, a prioridade principal no segundo planejamento feito com os homens foi "o preço da borracha", uma questão que extrapolava seu poder de resolução e que, ano após ano, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, não se resolvia. Lá também, as várias alternativas de renda escolhidas foram adotadas somente por alguns, enquanto os outros ficaram esperando "ver se dava certo". Alguns moradores foram extremamente bem sucedidos, por exemplo, vendendo sementes florestais. As mulheres tiveram uma adoção muito mais uniforme das alternativas planejadas.